



A VOLTA DO CAMARÃO CULTIVADO BRASILEIRO PARA O MERCADO INTERNACIONAL

| ITAMAR ROCHA, JOSEMAR RODRIGUES
E MARCELO BORBA, DE NATAL (RN)

A partir de 1990, quando iniciou a produção do camarão cultivado no Brasil em escala comercial, surgia ali expectativas setoriais voltadas para o mercado internacional. O enorme potencial de produção do País começava a se revelar na faixa rural da costa do Nordeste, os preços internacionais do camarão se mostravam atrativos e o consumo *per capita* do Brasil era, como continua sendo, muito baixo.

Pode-se afirmar, sem receios de cometer impropriedades, que a carcinicultura marinha brasileira ou cultivo do camarão do mar, repetiu no Nordeste o que ocorrera com a cana-de-açúcar no longínquo passado. Iniciou-se com o signo de ser destinado aos mercados dos países industrializados. No período 1998-2003, quando se presencia a maior expansão do setor com técnicas avançadas de produção e cuidados especiais com o meio ambiente, 70% do volume de camarão produzido na Região Nordeste, como média do período,

por sua inocuidade e qualidade, foi exportado para o consumidor dos Estados Unidos, Europa e Japão, os mercados de frutos do mar mais exigentes do mundo.

O recorde de produção de 90 mil toneladas métricas alcançado em 2003, que colocou o Brasil como o sexto maior produtor do mundo, permitiu a exportação de 58.455 mil toneladas e a geração divisas da ordem de US\$ 226 milhões. O valioso apoio logístico e financeiro da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX, Brasília/DF) com um projeto de promoção comercial nas feiras de frutos do mar de Boston (Estados Unidos), Bruxelas (Bélgica) e Vigo (Espanha) contribuiu de maneira especial para a divulgação do camarão cultivado brasileiro e de sua qualidade mundo a fora.

Entretanto, a partir de 2004, com a ação *antidumping* movida pelos Estados Unidos contra o camarão cultivado de vários países,

inclusive o do nosso País, e a contínua desvalorização cambial, sem compensações financeiras por parte do Brasil, as vendas do camarão brasileiro para o exterior sofreram e sofrem forte desaceleração com incidências diretas em sua cadeia produtiva. Desde então, com a produção reduzida para 65 mil toneladas métricas em 2006 - seu nível mais baixo - e com drásticas e sucessivas quedas das exportações, o setor passou por um processo de adaptação do sistema produtivo e de reorientação de mercado para atender a demanda nacional. Nos dias atuais, estando a carcinicultura regional em pleno processo de reativação, com expectativa de fechar o ano de 2011 com 85 mil toneladas métricas, toda a sua produção é destinada ao mercado doméstico, cuja demanda se revela firme e consistente.

Mesmo com o mercado interno consumindo a produção nacional, tendo presente o

potencial da Região Nordeste, a recente tendência de expansão da atividade com pequenos e médios produtores e, paralelamente, a demanda e o preço do camarão se mantendo em curva ascendente no plano global, a Associação Brasileira de Criadores de Camarão do Brasil (ABCC, Natal/RN) considera ser este o momento para o início dos planos que assegurariam a volta do camarão brasileiro aos principais mercados consumidores do mundo, que já tiveram oportunidade de conhecer sua qualidade.

Voltando para 2003, antes da ação *anti-dumping* imposta pelos Estados Unidos, o Brasil ocupou o primeiro lugar das importações de camarão pequeno-médio por aquele país, seguido da China, Tailândia e Equador, tradicionais produtores e exportadores dessa *commodity* aquícola. Com as restrições do mercado norte-americano, os produtores brasileiros voltaram suas atenções para a Europa, tendo o camarão brasileiro, alçado ao primeiro lugar das importações de camarões tropicais do velho continente.

Conhecemos o mercado exterior do camarão e o mercado conhece a qualidade do produto que estamos em condições de ofertar. O desafio que temos pela frente é devolver ao camarão brasileiro a competitividade de suas exportações, que se debilitou com a ação *antidumping* e a contínua e consistente desvalorização cambial sem compensações financeiras.

A tarefa da volta não é fácil, estamos conscientes. Porém, não impossível. Esperamos chegar a uma parceria com o Governo Federal para um trabalho conjunto de uma desoneração tributária que conceda ao pescado nacional, incluído nesta categoria o camarão, o mesmo tratamento dispensado às carnes vermelhas – bovina, suína e de aves – ou seja, a isenção do PIS/COFINS e a desoneração da folha de pagamento, como incentivo às exportações, a exemplo da já concedida a outros setores da nossa economia.

Do esforço que devem realizar os produtores, à medida que nos convencemos da necessidade de novamente exportar o nosso produto, vão ficando claras as ações que serão adotadas progressivamente com abrangência setorial, a saber:

- Reforçar o uso das boas práticas de manejo, das medidas de biossegurança e da rastreabilidade, as quais atribuem ao camarão a inocuidade e qualidade final requeridas pelos países compradores;

- Partir para a certificação do nosso produto por uma firma especializada de reconhecido prestígio internacional e, paralelamente, criar condições para a emissão do selo verde e o selo de qualidade que diferenciariam ca-

marão brasileiro dos seus concorrentes asiáticos no exterior;

- Promover e apoiar as iniciativas setoriais já em marcha para a produção do camarão orgânico, cujos preços e demanda no âmbito internacional são especialmente atrativos;

- Participar em 2012 das duas feiras de frutos do mar mais prestigiadas em todo o mundo, a de Boston e a de Bruxelas.

E para finalizar, no contexto do retorno do camarão do Brasil ao mercado externo, não poderíamos deixar de lado uma notícia que nos alenta e eleva o nosso ânimo. O Brasil já conta com o primeiro e único certificado de Domínio de Origem de crustáceos, emitido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI, Rio de Janeiro/RJ) o camarão costa negra, e do selo de Camarão Orgânico, certificado pela firma Suíça Naturland e reconhecido pela Comunidade Europeia, ambos da empresa cearense Aquacrusta.

Podemos então afirmar que, as bases para as futuras exportações do camarão cultivado brasileiro estão sendo criadas, e que, ao mercado internacional, voltaremos.



Foto: divulgação

Itamar Rocha é engenheiro de pesca e presidente da ABCC.
Josemar Rodrigues é engenheiro agrônomo, ex-consultor World Bank e consultor da ABCC.
Marcelo Borba (foto) é engenheiro de pesca, consultor da FAO/MPA e consultor da ABCC



Mais segurança e desempenho para rações e suplementos nutricionais.

Produquímica. Soluções técnicas em microminerais para a produção de rações e suplementos nutricionais de alta qualidade para potencializar o desenvolvimento e a produtividade dos animais. **Experimente.**

sistema certificado



0800 702 5656

Conheça o novo site:

www.produquimica.com.br



Líder mundial em micronutrientes.